

UMA ENTREVISTA

A última viagem do Sr. Dr. José Pontes, à Bélgica, amigo muito querido, que tantas vezes se salientou na nossa defesa, no Senado ou em qualquer outra parte onde fôsse preciso defender os nossos direitos, sugeriu a «Vítimas da Guerra», o desejo de o ouvir.

Sabíamos que S. Ex.^a, não tinha ido à Bélgica para tratar qualquer assunto que se relacionasse com os combatentes; outros objectivos motivaram a sua viagem: realizar uma série de conferências tendentes a tornar mais conhecido o nosso Portugal naquêlê país.

De como conseguiu aquêlê seu propósito, são provas bastantes as carinhosas recepções que lhe foram feitas e as manifestações de simpatia de que foi alvo, tôdas merecidas, dadas as suas qualidades de inteligência e de caracter.

S. Ex.^a, não deixaria de deitar um golpe de vista, pelas regalias dos combatentes — pensamos — tanto mais que conhecíamos a estreita amizade que o liga a Reisdorff, um grande mutilado, e de conversar e trocar impressões com êste e outros inválidos belgas, também seus amigos muito dedicados.

Quisêmos ouvi-lo. A entrevista não foi difícil.

O Sr. Dr. José Pontes é dos nossos. Fômos ao seu consultório, Avenida da Liberdade, 42-1.º Esq. Amavelmente sômos conduzidos ao seu gabinete por uns olhos encantadores e uma bata branca, branca de neve.

O Dr. José Pontes recebe-nos com a sua proverbial amabilidade.

— Uma entrevista, Dr. ...

A sua viagem à Bélgica... «Vítimas da Guerra», deseja transmitir aos seus dois mil e cem leitores a opinião de V. Ex.^a, sôbre a situação em que se encontram os nossos camaradas belgas, inválidos de Guerra.

— Pois pergunte, que eu responderei — diz com afabilidade o Dr. José Pontes, ao mesmo tempo que nos indicava uma cadeira.

— Qual é a situação económica dos inválidos de guerra belgas?

— As condições económicas têm-se agravado e a Bélgica não pôde fugir a êsse fenómeno de caracter internacional mas, em minha opinião, os inválidos estão bem.

— Que diz V. Ex.^a, quanto à sua legislação?

— É de molde a satisfazer; mas, pelo decorrer dos tempos, e devido a certas dificuldades, aparece sempre quem deseje cerear direitos.

— Mesmo na Bélgica? ...

— Sim. Ainda há pouco tempo, a comissão Franqui, no Parlamento, mantinha êsse propósito. Foi o suficiente para que 20.000 inválidos fizessem uma manifestação dando vivas à sua Pátria, mas opondo-se a êsse desejo. A' frente dessa manifestação iam os seus representantes, Reisdorff, Walkener, Defamur, Leonard e o Dr. Leclerq, advogado de grande prestigio e presidente da Federação.

— E essa manifestação teve a solidariedade dos combatentes?

— Imediatamente se solidarizaram 200.000 com a ameaça duma grêve de protesto. Como vê é uma atitude que honra a mentalidade dum povo que soube compreender a Guerra e que mostra o espirito de solidariedade que anima os combatentes belgas.

— E o govêrno como viu êsse protesto?

— Com absoluta neutralidade e tolerância. A própria Rainha, num gesto lindo, cheio de beleza, pediu aos cinco representantes dos Inválidos a honra de jantar à sua mesa, na presença do Rei e da Condessa de Mérode.

— Qual o carinho e respeito do povo pelos inválidos?

— A simpatia dos Poderes do Estado, da Rainha e das diversas Instituições, reflecte-se na alma do povo, que os não esquece. Olhe: ainda muito recentemente foi adquirida, por subscrição pública, uma quinta e um palácio, nos arredores de Brou, a qual lhes foi ofertada.

— Sôbre regalias entende V. Ex.^a, que os podêres constituídos, num excesso de patriotismo, ultrapassaram o pensamento e os desejos da opinião pública?

— O povo belga é patriota. Não esquece os seus libertadores. Em plena guerra iniciaram o seu sistema de assistência que foram aperfeiçoando, fundaram a instituição denominada «Cuidado» e «Aparelhagem aos Inválidos» e o «Sanatório para Tuberculosos» em Brugman, «Obra de Assistência para o Trabalho», «Agência de Prisioneiros» e um hospital perto de Roun, onde faziam o seu tratamento, passando dali para o Instituto de Reeducação de Porvilliez. Neste Instituto recebiam a reeducação em diversas escolas e oficinas.

Os órfãos de guerra e os filhos dos inválidos têm ainda, por decreto de Janeiro de 1929, modificado pelo de Setembro de 1931, direito a admissão gratuita nos estabelecimentos de instrução.

Possuem mais o Asilo S. Jean-Batista, em Selzaete, destinado a prestar assistência aos loucos da guerra; as Casas de Repouso de Westende e Morialmé, onde os inválidos e mesmo os antigos combatentes podem repousar e convalescer, em condições muito vantajosas ou mesmo gratuitamente. As despesas destas duas «Casas» são mantidas pela recolha de papel inútil e venda de carvão. Além de tôdas estas Instituições têm o «Instituto Nacional de Inválidos», onde mediante uma diária acessível aos inválidos, são admitidos os sem familia, os de avançada idade e os doentes não contagiosos.

Este Instituto está esplendidamente localizado e montado com tôdas as exigências modernas, quartos individuais com telefone, parque e jardim iluminados a electricidade, salas de recreio, etc.

— A Bélgica! ...

— Já nessa ocasião tratava com carinho os seus inválidos. Era natural que em plena Paz o continuasse fazendo e tanto mais que os soberanos conviveram de perto com a guerra. O Rei bateu-se nas primeiras linhas ao lado dos seus soldados e a Rainha foi enfermeira na ambulância de Loussien Lafonne. Os dirigentes da heróica nação Belga, integrados no seu dever, teem interpretado bem o pensamento e a moral do povo, concedendo aos inválidos uma sólida assistência.

— Pôde V. Ex.^a, citar algumas regalias?

— São várias. Vencimentos como todos os inválidos em geral. Descontos em todos os sistemas de transportes: caminhos de ferro, eléctricos, empresas de viação automóvel, companhias de Navegação, etc. Preferência nos empregos públicos, hospitalização, tratamento sanatorial, assistência médica e farmacêutica nos domicílios, etc.

— E os filhos dos inválidos, gozam qualquer regalia?

— São admitidos no Instituto de Messines. A sua educação, instrução e alimentação corre por conta do Estado. Podem concluir cursos primários, médios, superiores, comércio, dactilografia e linguas estrangeiras.

— Possuem os inválidos alguma instituição própria?

— Sim. «L'Œuvre Nationale des Invalides de la Guerra», fundada pela condessa de Mérode, devotada amiga dos inválidos.

— As suas funções...?

— São amplas. Favorece a reeducação e a aquisição de aparelhos. Assegura a assistência médica e farmacêutica gratuita. Organiza a coloca-

(Continua na página 4)

(Continuação da 2.^a Página)

ção nos serviços públicos, velando pelo cumprimento da lei, organiza conferências, concede empréstimos e apoia as associações e cooperativas dos inválidos.

— ¿As relações de "L'Œuvre", com o govêrno...?

— Excelentes. Submete à sua apreciação tôdas as propostas em favor dos inválidos. Possui uma comissão de estudos para tudo que diga respeito aos inválidos residentes no estrangeiro e mantém-se em estreitas relações com o "Comité Permanent Interallié pour l'étude des questions interessant les invalides de guerre".

— ¿Acredita V. Ex.^a, que os inválidos belgas possam vêr diminuidos os princípios de Direito que lhes fôram conferidos?

— As lutas da Paz vão fazendo esquêcer os horrores da Guerra mas os direitos conferidos aos inválidos não lhes serão cerceados porque existem ali 200.000 homens que ainda hoje procuram curar as feridas que a Guerra lhes causou.

Estávamos suficientemente esclarecidos àcêrca da situação económica, moral e social dos inválidos de guerra belgas, naquele país, pequeno na extensão territorial, mas grande na alma e no valor, que tão sacrificado foi pela hecatombe de 1914-1918.

Não devíamos abusar mais da paciência do nosso ilustre entrevistado que, com uma lhaneza e uma amabilidade grandes, tão solícito foi em atender os nossos desejos. Demos fim à entrevista. E, despedindo-nos do grande Português e grande amigo nosso, que é o Sr. Dr. José Pontes, viemo-nos embora, cheios de admiração por um povo que sabe respeitar os seus inválidos, por um Estado que os sabe dignificar e proteger como merecem, a êles, aos inválidos e mutilados, relíquias da alma popular, generosa e patriótica da Bélgica.

...E ao alinhar estas notas sentimos uma frieza grande em nossa alma estabelecendo o confronto entre os belgas e portugueses...

João da Cruz,

Alferes Mutilado da Guerra.